

JOSELY CARVALHO
A NEGOCIAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

por Katia Canton*

*“Como eu desejaria ser parte da noite,
Parte sem contornos da noite,
 um lugar qualquer no espaço
Não propriamente um lugar,
 por não ter posição nem contornos
Mas noite na noite, uma parte dela,
 pertencendo-lhe por todos os lados
E unido e afastado companheiro da minha ausência de existir”
(Fernando Pessoa, Obra Poética de Álvaro de Campos)*

O conceito de abrigo é a espinha dorsal da produção de Josely Carvalho. Desde o início de sua carreira, a artista elegeu a tartaruga tracajá como seu avatar, de modo que esse pequeno e antiquíssimo animal pudesse penetrar os locais mais insólitos— locais reais, imaginados ou virtuais—carregando sua própria casa/casco, reproduzindo simbolicamente a eterna perseguição humana por um abrigo, seja ele físico, afetivo ou ambos.

Josely construiu ao longo do tempo um projeto grandioso e consistente, muitas vezes povoado pela tracajá, e batizado *Livro das Telhas*, feito tanto com instalações erguidas por milhares de telhas de barro, projeções de filmes dando corpo a viagens e deslocamentos, e telhas de papel artesanal materializados como gravuras-esculturas, quanto com telhas virtuais, que se tornaram páginas da web, preenchidas a cada nova experiência de lugares, pessoas, abrigos. Histórias de vida, memórias de territórios. Eis um fio de fluxos que nunca para de passar.

Na presente exposição, a artista inaugura um outro viés dessa busca, iluminada e sombreada no jogo cotidiano dos espaços negociados pela intimidade. O que está em cena, de fato, é a insinuação de um erotismo que mescla pulsão de vida e de morte, cumplicidade e aniquilamento.

Desde que adentramos a galeria, um auto-retrato da artista, exibido de cabeça para baixo, e um punhado esparso de galhos feitos de resina, premeditam um gosto forte de estranhamento que exala no ar.

Qual seria a lógica passível de ser traçada entre a imagem da inversão do corpo e alguns galhos transparentes, distribuídos ao acaso, no chão, frágeis como sapatos de cristal?

As próximas fotografias da mostra incitam possibilidades de construção de sentidos. Uma cama de casal vazia espelha rastros de um contato póstumo, vislumbrado pelos lençóis brancos amassados e tingidos com um *chiaroscuro* que penetra por alguma fresta imaginada.

Para habitar essa cama, um casal de pássaros mortos. Pode-se pensar em uma relação de entrega plena, ainda que repugnante. O buraco dos olhos de um pássaro está recheado de insetos e seu bico ainda carrega um fiapo de palha, que seria costurado a outros para formar um ninho.

Essa visão constrangedora, sintetiza uma comunhão de mortes. Lado a lado, o casal de pássaros ocupa silenciosamente a cama, com seus corpos inertes e apodrecidos, mas ainda dotados de uma perturbadora ternura.

Essa sensação fica suspensa ainda na série de fotos que ocupa o andar superior da galeria, batizada pela artista de *Noivas sem Cabeça*. São fotos repetidas em séries e tratadas por recursos de montagem, demonstrando o aspecto teatral das roupas de casamento, a impessoalidade da imagem padrão e a claustrofobia sugerida pelas vitrines de vidro, onde as manequins sem cabeça se enfileiram. Nas fotos, os sonhos embutidos nos vestidos de noiva são degolados pelo comércio e ora têm suas faces substituídas por caveiras e máscaras amedrontadoras.

Há ainda um chamado constante para o não-lugar. Noivas dentro de vitrines, pássaros sobre a cama, galhos fora das árvores—tudo se mostra deslocado, lembrando-nos da condição de estrangeiro, a que a vida contemporânea, com seu tempo fluorescente e turbilhonado, inexoravelmente nos situa. Somos todos, de uma forma ou de outra, sem teto, sem chão, sem solidez, nos relembra a obra de Josely Carvalho.

O auto-retrato, os galhos transparentes, a cama, os pássaros e as noivas sem cabeça--essa série de imagens também compõe uma instigante amplificação da sensação de solidão, que se desenha por trás do abrigo. Trata-se de uma crítica pungente a propósito da promessa romântica de um conforto doméstico. Ou ainda de um grito visual em favor da ausência de contornos definidos. Que a noite chegue com uma potência indefinida de liberdade.

**Katia Canton é escritora, docente e curadora do Museu de Arte Contemporânea da USP.*